

PROJETO NÃO VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: AUTOCONHECIMENTO PARA TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

Délvia Cristine Araújo dos Santos ¹
Silvana Queiroz do Nascimento ²

RESUMO

Este artigo é resultado de uma experiência pedagógica relativa à aplicação do Projeto Não Violência nas Escolas, da Eletiva do Novo Médio no Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco chamado, "Projeto Não Violência nas Escolas: Autoconhecimento para transformação pessoal", realizado no primeiro semestre de 2019, com objetivo de apresentar os conflitos interpessoais que acontecem dentro do ambiente escolar, sobretudo temáticas que impulsionam violências e opressões para busca de soluções utilizando como estratégia a não violência. A metodologia utilizada nas oficinas executadas teve como orientação os princípios humanistas proporcionando uma ação interna coerente e transformadora, pertinente ao Movimento Humanista. Acredita-se que nas instituições de ensino falar de violência é uma tarefa urgente, por ser um lugar de coesão social que possui um potencial de transformação nas relações humanas, dessa forma, o respeito às diferenças, o diálogo, a compreensão do mundo e o autoconhecimento é o que propõe este projeto como resultado.

Palavras-chave: Educação, Autoconhecimento, Não violência e Autotransformação.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema social, não sendo então responsabilidade de um ramo específico da sociedade. A própria OMS trata a questão como assunto de saúde, pois se refere ao total bem estar mental, físico, social e espiritual dos sujeitos. Na escola, os atos agressivos envolvem não só alunos e professores, mas todos que formam a instituição escolar. Assim, a escola torna-se um palco de vivência da própria violência em suas variadas formas, desde a verbal, física a simbólica. Como postula Žižek (2014. p.17):

A violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência "simbólica" encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria a "nossa casa do ser."

Nesse contexto, o gradativo aumento da violência na sociedade vem trazendo quadros alarmantes sobretudo nas escolas, e isso nos evidencia que pode estar associada a diversos motivos. De acordo com Žižek (2014) há um tipo de violência que a chamada sistêmica, pois as consequências são catastróficas oriundas do funcionamento dos nossos sistemas políticos e

¹ Graduada em Letras da FAINTVISA - PE, delviacasantos@gmail.com;

² Graduada em Ciências Sociais UFPE, Integrante do Coletivo Humanista de Pernambuco, Militante e Educadora Popular da Rede de Economia Solidária em Pernambuco, Educadora Social do SCFV – Prefeitura da Cidade do Recife, ikebana12@bol.com.br;

econômicos.

Dessa forma, a pesquisa se apresenta através de uma disciplina Eletiva do Novo Ensino Médio, na Escola Estadual Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios, chamada "Projeto Não Violência nas Escolas: Autoconhecimento para transformação pessoal", e tem por proposta, a transformação humana, usando conhecimentos da corrente humanista universalista e estratégias como a não violência para buscar soluções relativas às diversas formas de violência, desenvolvendo também equipes de jovens estudantes para serem multiplicadores conscientes da sua contribuição no processo de humanização da Terra.

Este trabalho é justificado pela ampla necessidade de se discutir a violência no âmbito escolar e os conflitos interpessoais por ela ocasionados, tendo por objetivo uma escola sem violência e que identifique maneiras de intervenção por meio de projetos e outras ações pedagógicas, tornando-a, um ambiente respeitoso e seguro para todos. Assim, para uma educação libertadora, Paulo Freire (2011, p.76) afirma que:

Desde o começo mesmo na luta pela humanização, pela superação da contradição opressor-oprimidos, é preciso que eles se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total. É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas "liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se". Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem-alimentada da máquina.

A metodologia utilizada no projeto foram oficinas temáticas que tem por base teórico metodológica, os princípios humanistas que, por meio de sua execução e ação, proporciona uma ação interna de transformação no estudante, no professor e nos demais envolvidos. Tratamos, nessas oficinas, dos conflitos interpessoais dentro e fora do ambiente escolar, de forma transversal abordando temáticas que provoquem as diversas formas de intolerância e discriminação de gênero, classe e religião. Sobretudo, temáticas que impulsionam violências e opressões para busca de soluções utilizando como estratégia a não violência.

Dessa forma, enxergando ser possível além de uma educação, uma escola sem violência, é que o trabalho foi desenvolvido partindo, sobretudo, da crença na transformação do sujeito e utilizando a não violência como forma de resolução de conflitos interpessoais para a mudança social, contando com a participação de todos, criando espaços de diálogos, escuta e acolhimento para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária, que respeite as diferenças e resolva de forma justa, seus conflitos.

METODOLOGIA

A metodologia condutora do Projeto Não Violência nas Escolas, foi pautada em quatro oficinas norteadoras. A primeira "Superando a violência" aborda a nossa concepção de violência e suas diversas manifestações na sociedade e foi executada através de um exercício de compreensão da violência que cada um vive e reproduz. Tem por proposta, desbloquear a comunicação entre as pessoas quando existe um conflito, e por meio da comunicação direta, chega-se à compreensão do problema, que é simulado e conduzido à sua resolução.

A segunda oficina, "História da Não Violência", propõe mostrar alguns exemplos de pessoas e grupos que usaram de não violência para transformar a sua realidade. E refletir sobre a importância de vencer a violência de forma consciente, sem agressão e com muita reflexão sobre as escolhas e busca de uma melhor condução com compaixão e solidariedade.

Na terceira oficina, "Coerência Humana" se reconhece a contradição (ou incoerência) que se apresenta quando acreditamos em algo que não fazemos, ou sentimos algo que não acreditamos, ou fazemos algo que não sentimos. Ou seja, as múltiplas combinações quando não unimos o pensar, agir e sentir na mesma direção.

A quarta oficina chamada "Convergir na diversidade", reconhece a diversidade em nosso meio, como algo positivo para tratar da empatia e onde/de que forma, precisamos encontrar um ponto em comum, aquele que nos aproxima. Nessa oficina, buscamos as referências de diversidade na família e encerramos com a dinâmica das virtudes, como maneira de buscar o ponto positivo nas pessoas.

A quinta oficina, "Ação Transformadora", aprende-se a planejar uma ação dentro do âmbito escolar, onde as temáticas de violência surgem. Assim, a escola pode focar em um assunto e melhor promover a difusão, participação e intervenção pedagógica com a participação de todos os envolvidos.

DESENVOLVIMENTO

O Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios é uma escola da Rede Pública Estadual do estado de Pernambuco conveniada e atua em regime de cooperação administrativa, técnico-financeira e pedagógicas junto a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, a Unicap, a Fundação Fé e Alegria e a Rede PEA (Escolas associadas a Unesco) e o Coletivo Humanista de Pernambuco. Os valores do Liceu são pautados no nos direitos humanos, no respeito, na solidariedade, na honestidade, ética e transparência. Enquanto instituição escolar sua principal meta é uma educação de qualidade, que promova a justiça social, o respeito aos direitos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

humanos, a inclusão, a cidadania ativa, o colaboracionismo, a empatia e atitudes positivas para a transformação social.

Nesse contexto e buscando se adequar às transformações educacionais seguindo os documentos oficiais norteadores da educação, temas diversos são trabalhados na escola sendo um deles, o enfrentamento da violência e todas essas parcerias firmadas são fruto de uma preocupação genuína com a formação integral do corpo discente, para que sejam capazes de desfrutar dos seus direitos, de reconhecer responsabilidades coletiva e individualmente, atuando com consciência crítica e domínio do saber disseminado pela escola, reforçando uma educação de qualidade para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, livre de preconceitos e violências e humanitária.

O COLETIVO HUMANISTA DE PERNAMBUCO

O Coletivo Humanista de Pernambuco é um grupo de voluntárias (os) que atua em escolas, a partir do projeto não violência que após indagar o repúdio e o grande índice de todas as formas de violência, não apenas as formas de violência física, mas também todas as formas de violência econômica, racial, sexual, religiosa, moral e psicológica que se encontra na comunidade escolar e as consequências drásticas nas inter-relações. A pergunta chave foi: **como adentrar um caminho interno do ser humano que já estava humanizando a violência? Como construir uma metodologia que influenciasse de forma positiva o olhar para dentro e se somasse na mesma direção?**

A colocação do ser humano como valor e preocupação central, de tal modo que nada esteja acima do ser humano nem nenhum ser humano acima de outro. Para adentrar no caminho interno é necessário o desbloqueio.

Na ocasião metodológica e seus objetivos: propor novas formas de resolução de conflitos no ambiente escolar; criar grupos de voluntários (as) nas escolas que fomentem a discussão e aprofundamento sobre a Não Violência partindo da premissa que a sociedade está em profundo sofrimento e não consegue chegar a uma coerência profunda.

O MOVIMENTO HUMANISTA

O movimento humanista trabalha para o desenvolvimento pessoal em função da transformação social. Lua pela humanização do mundo como força internacionalista, antidiscriminatória, solidária e não violenta em sua metodologia de ação. Os aspectos

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

doutrinários de suas atividades e projetos se apoiam na visão do humanismo universalista e ele faz dessa visão o ponto de apoio para seu desenvolvimento para formação pessoal de seus membros.

É uma corrente de opinião formada por pessoas que concordam em pontos básicos sobre o ser humano e que visam orientar e criar ações para desenvolver mudanças positivas e concretas no indivíduo e na sociedade em geral.

A NÃO VIOLÊNCIA NA PERSPECTIVA HUMANISTA

A não violência como perspectiva humanista promove ações concretas a fim de criar consciência sobre o problema da violência e algumas ferramentas como; a rejeição e o vazio diante de diversas formas de discriminação e violência; a não colaboração como praticas violentas, a denúncia de todos os atos de discriminação e violência; a mobilização e organização com base no trabalho voluntário e na ação solidaria.

A instauração de uma cultura de paz e não violência está no bojo do mandato da Unesco. Tal criação mostra-se como um amplo processo aquém da história da humanidade. A importância de sua concretização na esfera individual e coletiva tem por respaldo, os documentos oficiais como as declarações nacionais e internacionais. Na educação, as escolas assumem importante função no processo de formação de agentes transformadores, colaborando no desenvolvimento da construção da paz na sociedade.

Assim, seria possível uma educação sem violência nas escolas e a não violência unida, organizada e mobilizada forma uma estrutura de força com capacidade de transformação das ações violentas e desumanas oriundas de contextos violentos do mundo atual. A iminência da insegurança da situação mundial, corroboram para a necessidade de intervenções imediatas que contribuam no combate à violência física, racial, religiosa, moral, psicológica, de gênero, econômica dentre tantas outras.

O CONCEITO DE VIOLÊNCIA PELA OMS

A violência sempre esteve presente na humanidade sob diversas formas de ocorrências e com seus impactos negativos gerados por onde circula. Nas instituições escolares, as práticas da violência se dão no processo de exclusão contra crianças e jovens e é reconhecida de outras formas pelo mesmo grupo como multifacetada, sendo notada em ações físicas,

verbais e psicológicas entre si e nas relações professor-aluno e vice versa. Žižek (2014, p.18) nos traz uma importante reflexão:

A premissa subjacente de que parto é a de que há algo intrinsecamente mistificador numa consideração direta: a alta potência do horror diante dos atos violentos e a empatia com as vítimas funcionam inexoravelmente como um engodo que nos impede de pensar. Uma abordagem conceitual desapaixonada da tipologia da violência deve, por definição, ignorar o seu impacto traumático. Apesar disso, em certo sentido uma análise fria da violência reproduz o seu horror e dele participa. É necessário distinguir, ainda, entre verdade (factual) e veracidade: o que torna verídico o testemunho de uma mulher estuprada (ou de qualquer outra narração de um trauma) é a sua incoerência factual, sua confusão, sua informalidade.

Em 1996, a Quadragésima Nona Assembleia Mundial de Saúde adotou a Resolução WHA49. 25, justificando ser a violência um problema crescente de saúde pública no mundo e também alertou para as consequências sérias da violência para os sujeitos, seja na família, comunidade e/ou em países. De forma subsequente, o "Relatório mundial sobre violência e saúde realizado em Genebra no ano de 2002 é resultado da OMS quanto à Resolução WHA49.25, pois atende a todos os envolvidos no processo de desenvolvimento e implementação de programas e serviços de prevenção, educadores e outras áreas.

Assim, a OMS estabelece que a violência é o uso de força física ou poder, na prática ou em ameaça, contra outra pessoa, a si, a um grupo ou comunidade que culmine em sofrimento psicológico, dano, morte, desenvolvimento prejudicado ou privação. Tal definição coliga intencionalidade com a feitoria do ato, independente do desenlace produzido. Esses aspectos são importantes para que se possa compreender a violência e assim, planejar programas de prevenção e outras ações de intervenção seja no contexto escolar ou não.

ALGUNS TIPOS DE VIOLÊNCIA E ATOS VIOLENTOS

As violências oriundas do espaço escolar dispõem de diversos cognomes conforme a sua natureza: violência na escola, estabelecida nas relações sociais dentro desse espaço; violência da escola, que é violência simbólica estabelecida pela exclusão, dominação pelo uso de poder e discriminação; e a violência contra a escola, que se dá pela desvalorização social da instituição escolar e da carreira docente.

A OMS ainda traz um arcabouço mais amplo sobre as tipologias da violência, a dividindo em três grandes categorias que posteriormente são separadas para que se reflitam outros tipos mais específicos: a violência dirigida a si mesmo (auto infligida), a violência interpessoal, a violência e a violência coletiva (social econômica e política)

Em cada categoria (exceto a auto infligida) ocorrem atos violentos e suas naturezas

podem ser física, sexual, psicológica, envolvendo privação ou negligência. Tal tipologia, dispõe de uma estrutura que pode ser, apesar de imperfeita, necessária para compreender os padrões complexos da violência no mundo, assim como sua ocorrência no cotidiano das pessoas, comunidades, famílias e demais relações.

Na escola, as violências (atos), mais comuns são a violência contra o patrimônio, a simbólica (exercida pela escola contra o aluno), a física (realizada de forma individual ou coletiva) e a psicológica. Observando essas colocações, percebe-se também que a violência resulta de uma gama de fatores relacionais, sociais, individuais, culturais, ambientais, políticos, institucionais e econômicos. Compreender essas correlações com a violência é um processo importante para sua prevenção, principalmente no ambiente escolar que, ao reconhecer tais ligações, pode desenvolver em seus processos pedagógicos, um "antídoto" criando pontes de igualdade e pertencimento por meio de projetos de intervenção e outras ações junto à comunidade escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas do Projeto Não Violência nas Escolas foram aplicadas na turma do 1 ano C do Novo Ensino Médio na modalidade Eletiva, tendo por ordem de aplicação os respectivos temas: Superando a Violência, História da não violência, Coerência Humana, Convergir na diversidade e Ação Transformadora onde cada referido tópico buscou atingir reflexões individuais e coletivas.

Na aplicação da oficina Superando a violência, cuja regra de ouro é "tratar os demais como gostaria de ser tratado", a condução partia da identificação dos tipos de violência existentes e também das ora praticadas, ora recebidas pelos alunos. Reconhecer-se violento para muitos foi espantoso e inadmissível. Os estudantes expressaram suas indignações e os argumentos mais evidenciados traziam queixas sobre a falta de escuta no ambiente familiar, a incompreensão das emoções, medos de punição, conflitos e brigas entre parentes e situações de violências diversas. Na condução do passo a passo para a resolução do conflito, falar sobre o problema de forma direta para a maioria foi um processo desafiador, pois muitos afirmavam buscar outras vias, que não a direta, para resolver ou tratar de um determinado problema e, ao perceberem que se sentiam melhor ao falar diretamente, reconheceram que isso causa uma sensação de alívio.

A segunda oficina, A história da não violência, levou ao conhecimento dos alunos as grandes referências mundiais da Não violência no Brasil e no mundo, as táticas utilizadas

pelos grandes líderes mundiais para solução de problemas coletivos. Figuras como Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Rosa Parks, Silo e Marielle Franco foram discutidas e a maior parcela dos alunos concordou ser possível, mas desafiadora, a prática da Não violência no mundo, sobretudo, em contextos políticos ou que revelem grande desigualdades social.

Durante condução da oficina Coerência Humana, a maior parcela dos estudantes relatou não saber o que fazer quando indagados se eles pensam, agem e sentem na mesma direção em relação a ações que envolvam conflitos ou relações afetivas. Muitos se perceberam com comportamentos contraditórios e notar que esses comportamentos traziam incômodos, sofrimentos e uma sensação de auto traição foi espantosa para eles. Alguns afirmaram que pela primeira vez, pensar, agir e sentir era algo que eles nunca pensaram sobre suas ações e por isso, acabaram por criar conflitos, sobretudo com familiares. Pensar, agir e sentir na mesma direção tornou-se, para os alunos, um recurso importante para a melhora das relações humanas.

Convergir na diversidade, a quarta oficina, trouxe grandes reflexões para os alunos, no que consiste em pensar a forma de olhar os colegas de sala, sobretudo àqueles que as afinidades são poucas. A noção de diversidade trazida pelo grande grupo evidenciou que todos reconhecem a existência de pessoas, culturas, pensamentos e ideias diferentes. Diferenciar violência de diferença, invasão de espaços e privacidade foi difícil para alguns grupos, pois as violências trazidas nos discursos evidenciavam preconceitos e agressões naturalizadas em relação a grupos lgbs, religiões e gêneros, sobretudo o feminino. Encontrar o ponto de convergência dentro da diversidade e dialogar sobre virtudes pareceu, em alguns momentos, uma possibilidade remota, mas ao final da execução da oficina, os alunos pareciam tocados interiormente, sugerindo inclusive, pensar novas posturas diante das pessoas que, antes, pareciam estar impossibilitadas (devido às suas diferenças) de interagir com eles.

Na Ação Transformadora, última oficina, uma pequena ação foi promovida por um grupo de estudantes. Pequenas caixas, colocadas no sanitário feminino com dizeres positivos, com sugestão de elevar a autoestima das adolescentes que frequentam o espaço e também pequenos cartazes motivadores espalhados pela escola fizeram parte do fechamento da Ação Transformadora, incluindo toda a escola no processo reflexivo sobre a não violência.

Por fim, percebe-se que as maiorias dos integrantes da eletiva participaram das oficinas, e entre eles se desenvolveu um espaço seguro para os diálogos e situações de violência relatadas durante as vivências. Percebe-se também que, a escola sozinha, não consegue dar conta das demandas socioemocionais que apareceram durante as oficinas, pois os problemas relatados pelos alunos culminaram em acionar outras redes de proteção ao grupo. É preciso,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

para uma educação humanizadora, criar ambiências onde os indivíduos se sintam acolhidos, e disponham de suporte caso necessitem também, acionar os sistemas de direitos em caso de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a temática da violência na escola, devemos compreender que sua ocorrência perpassa diversas ambiências e motivos e nesse sentido, a escola não está imune a esse processo, pois aparece também como reprodutora das violências multifacetadas presentes na sociedade. Bordieu afirma que "toda ação pedagógica (AP) é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural" (Bordieu, 2009, p.21) e também pode ocorrer na relação aluno-professor, professor-aluno e demais membros da comunidade escolar.

É preciso ressignificar o espaço escolar como um lugar de transformação de sujeitos, de proteção aos direitos e também destinada ao desenvolvimento social, pessoal e cognitivo. Tal processo pode ser realizado por meio de projetos de intervenções que tenham por foco as relações humanas, sociais, a formação dos professores e toda a equipe institucional, a fim de propor ações mais efetivas nos casos de violência dentro da escola.

As oficinas do Projeto Não Violência nas Escolas, trouxeram a perspectiva humanista e a não violência, como sistemática de reforço para resolução de situações de conflito, trazendo aos estudantes, novas óticas para o desenvolvimento pessoal, a transformação social e a luta pela humanização do mundo de forma solidária e não violenta e para a escola uma perspectiva inovadora para a resolução de conflitos de ordem violenta. Assim, a educação se constrói de forma humanizada, não violenta e libertadora. Durkheim (2010, p.57), afirma que:

a liberdade é filha da autoridade bem compreendida. Ser livre não é fazer o que se tem vontade: é ser senhor de si, é saber agir pela razão e cumprir seu dever. Ora, a autoridade do professor deve ser empregada justamente para dotar a criança desse domínio de si mesma. A autoridade do professor não passa de um aspecto da autoridade do dever e da razão.

Apesar de eficácia no processo de execução das oficinas, para se trilhar os caminhos de uma cultura para a não violência é preciso contar com o apoio da comunidade escolar, construindo espaços de diálogo, cuidado e acolhimento contribuindo assim, para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e com ampla participação de todos com respeito, sem preconceitos, com respeito às diferenças e aos direitos humanos. Como sugere

Dário (2018, p.49):

Há forças muito importantes no interior de cada um de nós. Forças que não necessariamente são de cada pessoa, mas que se encontram ali, na interioridade. Parece que tudo o que está nessa interioridade pertence a mim, porque não vem de fora. Porém, na interioridade, talvez existam mundos, forças, energias, imagens.

Sugere-se que outras pesquisas sejam feitas, a fim de entender as diversas formas complexas de ocorrência da violência nas escolas, possibilitando seu enfrentamento seja por meio de ações pedagógicas ou políticas públicas que ajudem na prevenção.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009. 266 p.
- ERGAS, Dario. O olhar do sentido. Tradução de Gelson dos Santos, Sabine Mendes, Vera Lúcia Fevereiro. Santo André: Presságio, 2018. 184p.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto. Introdução de Weligton Paz. São Paulo: Hedra, 2010, 136 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. rev e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- PRAXEDES, Walter. A educação reflexiva na teoria social de Pierre Bourdieu. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- Tognetta, Luciene Regina Paulino. **É possível superar a violência na escola?: construindo caminhos pela formação moral**. São Paulo: Editora Brasil, 2012.
- UNICEF: metade dos adolescentes no mundo são vítimas de violência na escola
Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-metade-dos-adolescentes-no-mundo-sao-vitimas-de-violencia-na-escola/> Acesso em: 14 ago.2019
- UNESCO: New UNESCO Report on School Violence and Bullying to be released at International Symposium on issue affecting millions worldwide
Disponível em: http://www.unesco.org/new/en/brasil/about-this-office/single-view/news/new_unesco_report_on_school_violence_and_bullying_to_be_rele/ Acesso em: 14 ago.2019
- ŽIŽEC, Slavoj, **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução Miguel Serras Pereira. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2014.